

O SUJEITO ENTRE LÍNGUAS: HISTORICIDADE E REVERBERAÇÃO

Giovani Forgiarini Aiub¹

INTRODUÇÃO

Além das condições de produção, nenhum sujeito, ao dizer, escapa às determinações que a língua impõe. A língua é, portanto, estruturante do sujeito na medida em que o constitui, na medida em que é somente pela (e na) língua que o sujeito pode se fazer sujeito, ou seja, é ao se submeter à língua que se pode dizer/interpretar. Ademais, o sentido de determinada palavra, expressão ou proposição é sempre constituído a partir das posições ideológicas que estão em jogo nos processos sócio-históricos. E com uma língua estrangeira o processo discursivo não é diferente. Considerando que a historicidade é relação da linguagem com a história e a forma como esta relação produz sentido, pode-se dizer que o que é dito pelo sujeito em língua materna pode não ser exatamente o mesmo em língua estrangeira, sobretudo porque a relação entre as línguas não é um jogo no qual há apenas uma troca lexical, não é tampouco um jogo no qual a estrutura linguística apenas inverte (ou entorta) os lugares sintáticos, não é também apenas alterações de ordem fonológica, mas é tudo isso juntamente com a percepção de que há historicidades distintas em jogo, de que há outras formas de se colocar no processo discursivo. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo mobilizar o sujeito entre línguas, apresentando como que este sujeito passa pelos embates, choques, colisões que o processo de aprendizagem de uma língua outra pode causar, principalmente quando este sujeito-aprendiz os materializa em sua escrita nesta outra língua.

RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA: ASPECTO DE HISTORICIDADES NÃO-IDÊNTICAS

A relação entre línguas é da ordem da desestabilização subjetiva, e esta desestabilização força o sujeito a uma reconfiguração identitária. Neste viés, trata-se de uma reconfiguração identitária que não cessa, sobretudo porque ela não se encerra. A reconfiguração identitária pode ser pensada como um abalo que o sujeito sofre ao entrar em contato com o estranho, com a estrangeiridade da língua estrangeira, com historicidades distintas. Não se trata de um abalo como um choque único, e sim de um abalo constante sobre as formas de ver um mundo previamente estabilizado pelo conforto da língua materna. Deste modo, é preciso levar em conta que “a questão da identificação como processo de subjetivação, por estar em constante construção, nunca é completado” (NEVES, 2006, p. 46). Porém, se assim fosse, haveria brechas para se pensar em um sujeito pleno, no sentido de *idêntico a*, no sentido de que seu ciclo identitário não se movimentaria e se encerraria em certo ponto. Nesta perspectiva, a reconfiguração identitária causada pelo contato com a língua estrangeira é da ordem de uma formação contínua, mas não linear. Esta reconfiguração se faz pelo contato com o outro e pelos conflitos que este contato causa. Conflitos estes que são constitutivos de toda e

¹ Professor do IFRS – *campus* Feliz e doutorando em Letras pela UFRGS, na especialidade Teorias do Texto e do Discurso.

qualquer formação identitária, pois “as identidades são formadas na relação inescapável e necessária com a alteridade” (GRIGOLETTO, 2006, p. 15). A reconfiguração identitária, pensada a partir de outra língua, só existe, portanto, em função deste contato repleto de conflitos, lutas e embates com a alteridade. É a luta da língua materna (a língua do aconchego, do mundo estabilizado e da regularidade) para expulsar a língua estrangeira (a língua do desassossego, da desestabilização e da agitação). Estes conflitos, contudo, não são sanados por essa reconfiguração subjetiva, uma vez que são constitutivos desta relação com o outro. Neste viés, cabe dizer que a reconfiguração subjetiva passa sempre pelo processo de identificação, pois, assim como não há identificação plena, não há, da mesma forma, uma reconfiguração fechada, como se tivesse um ponto a ser alcançado. Neste sentido, cabe pensar nas palavras de Pêcheux (2006, p. 57) quando diz que

não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ‘infelicidade’ no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um ‘erro de pessoa’ –, isto é sobre o *outro*, objeto da identificação.

Com efeito, pensando sempre o sujeito constituído pela linguagem, vale afirmar que, se o que é dito em uma língua produz determinados sentidos, enunciar em língua estrangeira, com a ilusão de se dizer os *mesmos* vocábulos traduzidos, poderá provocar outros sentidos distintos daqueles produzidos naquela língua anterior, mas não necessariamente, uma vez que há forte dependência das condições de produção, no sentido em que estas condições de produção fazem relação com a historicidade das línguas que por vezes pode ser semelhante, mas não são raras as vezes em que a historicidade não é da mesma ordem.

O PROCESSO DE ANÁLISE: O SUJEITO ENTRE LÍNGUAS E A REVERBERAÇÃO

Sobre que acaba de ser colocado acima, é justamente através de historicidades não-idênticas que o sujeito em processo de aprendizagem de uma língua estrangeira passa pelo processo que Grigoletto (2006, p. 21) chamou de um *errar-se*. Em suas palavras,

uma identidade sempre ‘erra’, no sentido de que fica sempre aquém da projeção que se faz dela, não sendo portanto, idêntica a ninguém ou a nada. Esse ‘erro’, perfeitamente normal [...], deve-se ao nosso inconsciente e ao fato de sermos sujeitos de desejo, sempre incompletos e estruturados por uma fissura que se interpõe entre o ‘eu’ (imagem que apresentamos ao mundo) e o sujeito do inconsciente (desconhecido também do eu). Essa fissura mostra que não há identidade nunca, nem consigo mesmo, nem com os outros.

Desse modo, como o sujeito é estruturado pela língua, cabe lembrar que a língua é esse lugar da fissura, da heterogeneidade, é o lugar no qual as falhas irrompem. Não se pode imaginar, portanto, uma identidade no sentido pleno, isto é, fechada e já prontamente constituída. A identidade é um processo que se dá pela relação com a alteridade e está em movimento contínuo, de tal modo que, ao se atentar para o dizer em língua estrangeira, é possível perceber a constante presença da língua materna por este movimento espiral. Com efeito, no processo de aprendizagem de uma outra língua, as falhas são constitutivas, pois a língua materna estrutura o sujeito e a sua regularidade é tão vivida e tão entranhada no sujeito que não se pode pensar pelo viés de que há um erro no processo de escrita. Trata-se de um deslizamento entre as línguas, por isso poder afirmar que se trata de um

equivoco, pois o sujeito, por mais que se esforce, não consegue, em processos iniciais de aprendizagem, controlar a projeção de regularidades próprias à língua materna em sua escrita em língua estrangeira.

Na sequência deste trabalho, será colocada em análise uma sequência discursiva (SD) produzida por um aprendiz da estrangeira língua inglesa. Esta SD foi escrita por um estudante universitário que fazia um curso de língua inglesa, no Núcleo de Estudos de Línguas Estrangeiras da UFRGS, em 2008. Eis a SD em questão:

SD – The aconteciment is very important in my opinion because retract the reality in Brasil.

Ao iniciar a análise desta SD, pode-se dizer que o sujeito-aprendiz, ao tomar conhecimento de que há certas regularidades da língua portuguesa que encontram correspondência na língua inglesa, tentou seguir tal regularidade ao escrever o vocábulo *aconteciment*. Palavra esta que não faz parte do léxico da língua inglesa. Para tentar compreender tal fenômeno, seguem alguns exemplos de regularidades morfológicas comuns às línguas portuguesa e inglesa: instrumento e *instument*; incidente e *incidente*; importante e *important*; etc.

Nota-se que estas são regularidades possíveis entre as duas línguas em questão, passíveis de ocorrerem e aceitáveis do ponto de vista lexical. É possível afirmar ainda que o sujeito-aprendiz desta SD tem conhecimento desta regularidade, uma vez que aplica a palavra *important* em seu texto (*The aconteciment is very important in my opinion*). Deste modo, na perspectiva de obter o mesmo sentido que esta regularidade entre línguas dá a algumas palavras, este sujeito aplicou esta simetria também à palavra *acontecimento*, mas esta relação simétrica não é aplicável a todo e qualquer vocábulo, uma vez que *aconteciment* não é uma palavra da língua inglesa, e poderia ser tomada como um *non-sens* por parte de um falante nativo desta língua. Porém, para aquele que emprega essa palavra na condição de aprendiz dessa língua como língua estrangeira, esse termo não é um *non-sens*, justamente porque produz para ele a evidência de um sentido lá. Por outro lado, para quem conhece a língua portuguesa e a língua inglesa, é possível inferir sobre o sentido que *aconteciment* poderia produzir caso fosse um vocábulo da língua inglesa. Neste viés, pode-se afirmar que se trata de uma mistura muito forte da materna língua portuguesa com o que poderia ser, mas não é, da estrangeira língua inglesa. Embora se possa conceber que, ao seguir uma certa regularidade, o sujeito-aprendiz aplicou seu *conhecimento* das regras morfológicas que regem ambas as línguas, este imbricamento entre línguas é de ordem pré-consciente/consciente, pois o sujeito mobiliza seus conhecimentos gramaticais para poder formular. Além do mais, existe uma relação entre sujeito e sentido como se aquele vocábulo produzisse o sentido que o sujeito deseja que ele produza. Neste viés, trata-se do esquecimento nº 2 de Pêcheux e Fuchs (1997), pois esta é uma zona que se refere aos processos de enunciação, de tal modo que é este o lugar onde se estrutura a sequência discursiva. É neste espaço do esquecimento nº 2 que o sujeito faz possíveis manobras para poder dizer em língua estrangeira. E, no processo inicial de sua aprendizagem, existe a forte possibilidade de essas manobras não funcionarem, pois a regularidade da língua materna tende a se fazer

presente na escrita desta língua alvo. Porém, quanto maior é o contato do sujeito com a língua estrangeira, menor passa a ser a possibilidade de essas manobras não funcionarem. Daí a referência ao esquecimento nº 2, pois é nele que o sujeito pode penetrar conscientemente, fazendo uma antecipação ao/do efeito de (seu) discurso (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

É, portanto, a partir dessa relação entre língua materna e língua estrangeira, que se pode afirmar que o processo de reconfiguração identitária se faz num movimento espiral. Pelo processo de escrita em língua estrangeira, no qual é possível ver uma tentativa de um *colocar-se* nesta outra língua por parte do sujeito, é que se pode perceber tal ir e vir. Neste processo de escritura em língua estrangeira, há sempre uma busca, na língua materna, do que se quer dizer na outra língua; há, na língua do conforto, uma procura do que se quer dizer em língua estrangeira. E é por haver sempre essa busca que o movimento se faz num ir e vir, num movimento espiral que por vezes avança, mas que também pode retroceder. A reconfiguração identitária proposta/imposta pela língua estrangeira tem essa característica. Deste modo, esta troca constante que causa este movimento espiral ocorre justamente porque

custa ao sujeito, às suas forças subjetivas, substituir uma língua por outra, ou formas de uma língua por formas de outra. E seria útil que se considerasse esse fato nos processos educativos *ao invés de* negá-lo, como se tem feito ao longo da história. [...] Políticas linguísticas e metodologias de ensino que queiram trabalhar na direção de considerar a alteridade – mesmo com toda a contradição inevitável – podem beneficiar-se da compreensão das relações entre língua e memória (PAYER, 2005, p. 64).

Dito isto, vale retomar o conceito de historicidade e afirmar que se trata da relação que a língua faz com a história e como esta relação produz sentidos. Em outras palavras, “como os significantes não estão soltos, eles se realizam na historicidade e se espacializam na medida em que se coloca o discurso em texto” (ORLANDI, 2005, p. 94). Assim sendo, cabe dizer que cada língua tem a sua relação específica com a história e que, por isso, cada língua tem a sua historicidade que pode ser de ordens idênticas entre línguas, mas não necessariamente.

Ainda com relação às regularidades entre uma língua e outra, nesta SD é possível perceber que há outra tentativa de aplicação desta regularidade. Trata-se da palavra *retract*. Pensando pelo viés da materna língua portuguesa, seria possível identificar que *retract* nada mais é do que uma tentativa de dizer o verbo *retratar*. Contudo, a palavra *retract* do inglês joga para outro campo semântico, pois teria como uma possível tradução *retrair(-se)* e/ou *recolher*, mas não *retratar*. Seria mais adequado, por exemplo, a aplicação do verbo *reflect*, mas vale esclarecer que não se esgota tal possibilidade.

Fazendo uma comparação entre as formulações de *aconteciment* e de *retract*, é possível afirmar que se trata de um mesmo fenômeno, mas com resultados diferentes. Enquanto que, no primeiro caso, o resultado produziu uma espécie de *non-sens*, uma vez que a palavra não ocorre na língua alvo, no segundo caso (*retract*), há a possibilidade de efeitos de sentido muito distantes daquele que o sujeito pretendia produzir, por isso que não se pode pensar na perspectiva de um sujeito intencional, pois, se há intenção, ela não é controlável.

Nos casos de *aconteciment* e *retract*, o que ocorreu foi uma mobilização da língua materna para poder dizer em língua estrangeira. No entanto, ao contrário do que se pôde ver com a palavra *important*, já que ela não só faz parte do grupo lexical como também a sua utilização ocorreu de maneira aceitável (SD: *the aconteciment is very important...*), esta mobilização faz com que efeitos outros sejam produzidos. Neste viés, levando em consideração a possibilidade de possíveis efeitos de sentido destes vocábulos, é possível perceber os efeitos de sentido produzidos por aqueles que formulam e para aquele que interpreta tais formulações.

Dito isto, cabe trazer à tona o conceito de ressonância de significação que, segundo Serrani (1993, p. 47), “é a construção de uma realidade (imaginária) de um sentido. A ressonância [...] é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua”. Assim, a ressonância é a presença de um mesmo sentido imaginário que se faz na relação entre interlocutores. Deste modo, não se pode tratar a relação entre línguas aqui apresentada como uma ressonância, pois há uma diferenciação a ser feita. Enquanto que a ressonância trata de um efeito de vibração mútua, isto é, ocorrendo num mesmo instante para os sujeitos envolvidos (sujeitos entendidos como um lugar a ser ocupado), na SD mostrada não há vibrações mútuas, mas sim produção de evidências de sentido que não coincidem com o dizer daquele que produz tal formulação. Além do mais, na relação entre interlocutores, não há percepção simultânea de um mesmo efeito de sentido produzido, aliás, os efeitos causam desentendimento quando se dá essa relação. Ao passo que, na percepção de quem formula, há a evidência de um sentido lá, na perspectiva de quem se coloca diante da formulação, há a evidência de um *non-sens*. Desta forma, a estes casos em que há uma relação entre línguas materna e estrangeira e nos quais a historicidade das línguas se choca causando no sujeito-aprendiz a evidência de um sentido único sobre as coisas, sendo que para ele é imperceptível a historicidade diversa da língua estrangeira, pretende-se chamar essas ocorrências de *reverberação* (AIUB, 2011).

Do mesmo modo que a reverberação é, na Física, inacessível ao ser humano, na proposta desta pesquisa, os sentidos diversos produzidos também não são perceptíveis por aquele que os produz, neste caso, um aprendiz de língua estrangeira fortemente identificado com a historicidade da língua materna. Cabe dizer, portanto, que a reverberação é uma *interferência sobre o sujeito* de sentidos de uma língua sobre a outra cuja ocorrência mobiliza a historicidade das línguas envolvidas, mas que os diversos sentidos provenientes desta colisão não são acessíveis ao sujeito-aprendiz. É nesta perspectiva que se pode dizer que a língua materna reverbera na produção em língua estrangeira durante o processo de aprendizagem, e que esta reverberação não pode ser pensada nos mesmos moldes de uma interferência linguística, pois, para haver uma reverberação, é preciso que o sujeito esteja inscrito no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e que, ao dizer, mobilize a historicidade de uma língua em outra, causando uma interferência semântica. A interferência linguística apenas trabalha os aspectos estruturais da língua. No caso que aqui me ocupo, entende-se que há reverberação quando ocorre a presença da língua materna em uma língua estrangeira não apenas pelo viés das estruturas sintáticas (a não ser que estas estruturas causem a evidência de um sentido para o aprendiz através de uma não-coincidência), mas pela evidência de



um sentido que é um não-Um. Em outras palavras, a reverberação existe quando os efeitos de sentido produzidos pelos aprendizes lhes escapam de maneira que a historicidade da língua materna não coincide com a historicidade da língua estrangeira. A reverberação é, portanto, característica do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, pois, “quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos” (ORLANDI, 2009). E esta língua à qual já se está subjetivado é sempre a língua materna. A língua estrangeira, contudo, não deixa de subjetivar todo sujeito que se envolve no processo de sua aprendizagem, mas custa ao sujeito aceitar esta reconfiguração identitária que o contato com a língua estrangeira impõe. Assim sendo, a reverberação não consiste em um erro do aprendiz, pois pela concepção de erro, e não de equívoco, seria feita uma alusão ao sujeito consciente. A reverberação é de ordem inconsciente e tem forte relação com o esquecimento nº 1 de Pêcheux e Fuchs (1997) por se tratar de uma zona inacessível ao sujeito. Deste modo, é pelo trabalho do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira que se pode chegar às interferências, pensando por um viés estritamente linguístico, às historicidades, vendo a linguagem e sua relação com a história, e às reverberações, constitutivas deste processo de reconfiguração identitária que o contato com a língua estrangeira impõe.

PALAVRAS FINAIS

À guisa de concluir, é possível dizer que o processo de análise desta SD não foi esgotado aqui, mas se objetivou mostrar ocorrências significativas que simbolizam esta íntima relação entre língua materna e estrangeira. Uma relação causadora do choque, do embate, da colisão e do questionamento. Houve, como se pôde notar, um processo que se denominou *reverberação*, justamente porque esta relação entre línguas causa no sujeito-aprendiz a evidência de uma total coincidência entre o que diz e as coisas do mundo. Trata-se de um desassossego constitutivo do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira proporcionado por este contato com a estrangeiridade.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. *Entre uma língua e outra, entre o materno e o estranho: lugar de interferências, historicidades e reverberações*. 2011. 176f. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011.

GRIGOLETO, M. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETO, M. (orgs.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 15-26.

NEVES, M. S. O processo identificatório na relação professor-aluno na aprendizagem de língua estrangeira. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETO, M.; CORACINI, M. J. (orgs.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos/SP: Claraluz, 2006, p. 45-56.

ORLANDI, E. P. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. *Comciência*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

PAYER, M. O. Memória e esquecimento da língua materna e a relação com a escrita. In: SCHONS, C.; RÖSINGS, T. M. K. (orgs.). *Questões de escrita*. Passo Fundo/RS: UPF, 2005, p. 55-65.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997, p. 163-252.

SERRANI, S. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1993.